



IberEntrelaçando Experiências.

Banco de Saberes e Ações de intercâmbio de saberes entre organizações culturais comunitárias e povos indígenas

Nome do projeto: Ipadê - Encontros com Axé

País: Brasil

Dados da organização da sociedade civil e/ou povo indígena

Nome: ILE ALEKETU IJOBA BAYO ASE BARU OROBOLAPE

Localidade, estado/região: Foz do Iguaçu, Paraná

Contato: gruposenzalafoz@gmail.com

História e perfil das atividades desenvolvidas: A comunidade religiosa e sócio-cultural ILE ALAKETU IJOBA BAYO ASE BARU OROGBOLAPE – Ilê Baru – foi fundada em 1994, na cidade de Foz do Iguaçu, por mãe Edna de Baru. Mãe Edna e a comunidade do Ilê Baru propõem um ambiente que concentra a simbologia e usufrui da oralidade como principal dispositivo de partilha de informações da religiosidade afro-brasileira, tanto na sede quanto em outros espaços. O Ilê é ambiente de ações como festividades a divindades de candomblé e umbanda, palestras, debates, e rodas de formação sobre religiosidade afrodescendente, e atividades artísticas com temáticas e protagonismo negro. Abre suas portas para receber acadêmicos, pesquisadores e interessados na cultura de terreiro e assuntos como o uso de animais em rituais afro-religiosos e questões de gênero dentro do candomblé e da umbanda. Propõe eventos de integração da gastronomia, música, moda e estética afro-brasileiras para criar espaços de vivência dessas manifestações. Destaca-se sua atuação política e a difusão e manutenção de grupos e eventos de cultura popular afro-brasileira, como samba de coco, maracatu, forró, afoxé, maculelê e capoeira.

Promover o acesso ao bem cultural de terreiro; propor e ocupar espaços de atuação e de voz para comunidades de terreiro; fomentar o surgimento de novas lideranças negras; combater o racismo; promover a equidade de gênero e raça através da valorização da mulher negra. Esses princípios norteiam as ações do Ilê Baru transversalmente, que busca a continuidade da tradição afro-brasileira, em especial a tradição de terreiro. O Ilê Baru é dirigido por Edna de Baru e tem Pedro Almeida como coordenador de arte e cultura. Filiado ao Ile Alaketu Ijoba Asé Aira de São Paulo-SP, por sua vez filiado a Casa de Oxumarê em Salvador-Bahia. Participa dos conselhos municipais da Mulher, da Saúde e da Cultura de Foz do Iguaçu, discutindo e fiscalizando ações para proteção e valorização dos povos de terreiro nessas esferas, e indicando representantes para os respectivos conselhos. Em conexão com uma rede ampla no oeste do estado e na tríplice fronteira, apoia grupos étnicos culturais e folclóricos através da formação cultural de seus integrantes, participando nos eventos produzidos pelas comunidades e no desenvolvimento das manifestações e organizações proponentes. Atualmente, o Ile Baru participa também da criação do Fórum Municipal dos Terreiros de Foz do Iguaçu e da mobilização para defesa dos direitos dos povos de terreiro na região.

Dados da(s) pessoa(s) facilitadora(s)

Facilitador/a 1: Pedro Almeida (pedroyalmeida@hotmail.com)

Breve currículo: Pedro Almeida é artista, gestor e produtor, bacharel e licenciado em dança pela Universidade Estadual do Paraná. É adepto do candomblé há 24 anos, iniciado em 1995 no Ilê Asé Igbá Afauman pelo babalorixá Kafú Milodé. Consagrado babalorixá no ano de 2012 pelo fundador do Ilê Alaketu Ijoba Ase Aira, babalorixá Kaobakessy, o primeiro representante da Casa de Oxumarê na cidade de São Paulo. Desde 2005, articula e produz espaços de reflexão artística, acadêmica e política no Paraná. Foi diretor artístico da Companhia Municipal de Dança de Itaipulândia entre 2007 e 2008. Idealizou e coordenou o projeto Danças Urbanas em 2008. Integrou os movimentos Pró-Conselho Estadual de Cultura do Paraná e Pró-Conselho Municipal de Cultura de Foz do Iguaçu em 2010. Foi membro efetivo do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Foz do Iguaçu, representando a área da dança no biênio 2012 – 2013, entre outros espaços de articulação e intercâmbio. Em 2018 destaca-se a realização do projeto “O corpo como recurso/agente/veículo de memória, manutenção e permanência da cultura de terreiro”, contemplado no Edital nº 148/18 Patrimônio Imaterial e Cultura Afro-Brasileira, e o espetáculo Oshotokam Xoxo – O caçador contra o pássaro gigante, contemplado no Edital 011/18 Folclore e Tradições Culturais, ambos da Fundação Cultural de Curitiba. Atualmente, é filiado aos Ilê Aleketu Ijoba Bayo Asé Baru Orobolape, onde atua com partilhas de informações e outras práticas artístico-culturais; Ilê Alaketu Ijoba Ase Ayra, em São Paulo-SP, como membro; Ilê Molé em Almirante Tamandaré-PR; e Ilê Asé Igbaonin Oya Topé em Curitiba-PR, onde propõe atividades pró ensino e aprendizagem de danças, toques e cantos sacros do candomblé.

Experiência em docência ou espaços de formação: Em 2015, iniciou o grupo de estudos feministas SOMA – Rosa Lúcia, organizando atividades junto ao Espaço Cultural Nair Bello, localizado no bairro do Cambuci, São Paulo. Ao longo de três anos, o grupo promoveu discussões em torno do feminismo, produziu saraus artísticos, participou de eventos escolares, cineclubes, debates, assembleia de moradores e diversas ações para a interação e união da comunidade local. Ministrou oficinas de edição e pós-produção cinematográfica junto ao projeto Cine Inclusão, que proporciona por meio do audiovisual a inclusão sociocultural de moradores de regiões periféricas do estado de São Paulo, durante 2017. No mesmo ano, fez parte do grupo de voluntários que atuou dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Campos Salles, localizada no bairro do Heliópolis, reconhecida pela relação mais próxima com a comunidade e movimentos sociais do entorno e por sua pedagogia democrática e integrada.

Experiência em docência ou espaços de formação: Professor de danças em reconhecidas escolas do Paraná, lecionou na educação básica do Estado do Paraná como professor de artes e em cursos de extensão da Universidade Estadual do Paraná. Participou da criação de propostas de compartilhamentos dos saberes e modos de transmissão da cultura de terreiro para comunidades externas ao terreiro no 27º Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná, em julho de 2017, com grande sucesso. A Oficina “ILU ORIN IJO – Partilhas de Informação e Aprendizagem no Candomblé” foi realizada no Pavilhão Cultural de Curitiba, para educadores da rede municipal de ensino e outros interessados, visando apresentar e discutir a ótica candomblecista com a comunidade paranaense.

2.2. Facilitador/a 2: Edna de Baru

Breve currículo: Ednamar Almeida, Edna de Baru, teve sua infância marcada pela vivência nos terreiros frequentados por seus pais em Brasília, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ainda criança começou a ser instruída sobre a liturgia da umbanda. Em 1982, já sendo mãe de santo de umbanda, iniciou-se na religião do candomblé por intermédio de Pai Balé Tosilegun Nla Orisa e Mãe Valmicia Zumba Miredã. Em 1990 começou a desempenhar e conduzir atividades religiosas no candomblé, e em 1994 iniciou sua comunidade religiosa e sócio-cultural ILE ALAKETU IJOBA BAYO ASE BARU OROGBOLAPE. Desde a fundação, Mãe Edna de Baru conduz o Ile Baru e está à frente do Grupo Sensala Foz e da Colônia Afro Brasileira, desempenhando anualmente atividades de manutenção e promoção da cultura de matriz africana por meio de festividades litúrgicas do candomblé e da umbanda, eventos populares, participações nas mídias locais, rodas de conversas, palestras e eventos culturais beneficentes. Destaca-se também sua atuação política, sendo referência religiosa e de protagonismo da mulher negra no oeste do estado do Paraná, convidada frequentemente a participar de eventos desta ordem em todo o Brasil.

Experiência em docência ou espaços de formação: Edna de Baru criou o Grupo Sensala Foz como face social do Ilê Baru em 1994, propondo eventos beneficentes a comunidades carentes da região. Em 2000 foi fundada a Colônia Afro Brasileira de Foz do Iguaçu, que propõe relações com o movimento negro local e suas questões, e de manifestações populares negras e periféricas, como as danças de rua. Participou de eventos como a FARTAL – Feira de Artesanato e Alimentos de Foz do Iguaçu e a FENARTEC – Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura de Foz do Iguaçu. Realizou desfiles de moda afro, concursos de beleza afro, oficinas de danças (populares, de rua, de terreiro), palestras e apresentações artísticas (dança, capoeira, maculelê...). Em 2019, participou como liderança convidada da ação cultural em menção ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, organizado pela Prefeitura de Foz do Iguaçu. Também foi organizadora da Marcha do Dia Internacional de Luta das Mulheres: Pela vida das mulheres, somos todas Marielle.

Datos sobre a proposta para o banco de saberes

Título da proposta: Ipadê - Encontros com Axé

Breve resumo descritivo: Usando as lógicas de aprendizagem e partilha de informações praticadas no ambiente religioso como meio de abordagem da cultura candomblecista, este projeto sugere encontros com a comunidade anfitriã, com duração de 20 horas. A gravação de um documentário nas vivências dos encontros sobre esta abordagem, da perspectiva de mundo do candomblé e das culturas afrodescendentes iberoamericanas. E um diálogo com agentes locais e proponentes sobre os desafios da permanência e difusão das culturas afrodescendentes na Ibero-América.

Duração prevista para o desenvolvimento da proposta: 5 dias

Fundamentação: O candomblé é uma religião que emerge da diáspora africana no Brasil e, por influência da ótica iorubana, considera sagrado tudo o que é natural. O princípio da partilha de conhecimento na cultura candomblecista está no convívio, e a oralidade é o maior e mais importante veículo de partilha do conhecimento dessa cultura. Os ensinamentos tradicionalmente

são passados do mais velho ao mais novo, na maioria das vezes, por meio de ORINS (cantigas) que são ministradas com acompanhamento de um ILU (ritmo dos tambores e demais instrumentos da tradição candomblecista e expressão do modo que o corpo deve se portar) e um conjunto de gestos significativos do corpo em movimento, IJO (dança). Facilitar a aproximação, no trato e na aquisição, aos signos da cultura de terreiro, tem sido uma preocupação constante nos últimos anos e está diretamente ligada à viabilização de condições de acesso fácil aos conhecimentos do terreiro e sua utilização autônoma, total ou assistida, a todas as pessoas. A demonização que a cultura de terreiro sofre evidencia a pertinência de propor uma acessibilidade semântica do candomblé e das culturas religiosas afrodescendentes. Neste sentido, a permanência é o principal enfrentamento atribuído às figuras que simbolizam a religiosidade negra, como combate ao preconceito e promoção da cultura. Esperamos abrir precedente, fomentando futuras abordagens das religiosidades de matriz africana e valorização dos saberes negros.

Objetivos gerais e específicos: Gerais: 1) Estimular a difusão e reflexão sobre a perspectiva de mundo do candomblé como meios para transformação da visão negativa das religiões de matriz africana; 2) Contribuir com a difusão e a ampliação do acesso à informação sobre a cultura afro-brasileira como ação preventiva ao preconceito e fomento a perpetuação do legado cultural que os ancestrais africanos e afro-brasileiros iniciaram; 3) Fomentar o desenvolvimento da cultura negra local e anfitriã. Específicos: 1) Favorecer a replicabilidade dos conhecimentos discutidos nos encontros em diversos seguimentos da cultura negra na Ibero-América; 2) Fomentar ações por meio da lógica candomblecista de partilha de informação, para objetos que abordem ou não o candomblé como enredo; 3) Desenvolver meios de comunicação da perspectiva de mundo do candomblé; 4) Realizar debates com representantes da cultura negra, equipe do projeto, participantes, instituições públicas e privadas e convidados; 5) Ampliar ambientes de vivência da cultura de matriz africana.

Programação de cada dia: Abordar o corpo (ou seja, a oralidade) de terreiro como produtor/transmissor de conhecimento e veículo de valorização da visão de mundo desta cultura e confluente das questões de gênero, raça e classe presentes para os povos afrodescendentes. Essa confluência forma a base dos encontros. Nos quatro primeiros dias serão vivenciados holisticamente: - Orins - Didática dos cânticos (entoador e coro); - Orkis (saudações invocativas); - Gbaduras (orações sacras); - Ijó – O corpo em movimento representativo e configurações dos formatos e funções desse corpo em movimento; - Instrumentos - Gans, atabaques, adjás, aguidavis...; - Batas – as ordens harmônicas e seus indícios; - Lógicas de partilhas de informações no candomblé. Usando os sistemas e meios de comunicação e informação atuais, em conjunto com os próprios da cultura de terreiro e atento às tecnologias pertinentes, cada encontro se desdobrará em dinâmicas que possibilitem o debate e a manifestação expressiva e criativa de temas relevantes para os participantes e que digam respeito à realidade vivenciada cotidianamente em ambientes da diáspora africana. Alguns conteúdos do corpo, do movimento e da música serão trazidos pelos ministrantes, facilitando a aproximação entre dinâmicas corporais e manifestações da cultura candomblecista, e criando espaços de acolhimento e de motorização para os temas, sensações, dúvidas e demandas que emergirem do convívio. Serão abordadas lógicas de representação dos objetos do candomblé para diferentes fins, oferecendo recursos para o uso das práticas já realizadas na comunidade de terreiro (dança, canto e percussão) como modos de ser-agir no mundo. No quinto dia será realizado um momento para diálogo com agentes locais e proponentes em acordo com as questões emergentes dos encontros, as características técnicas das produções locais. Nas partilhas

realizadas nas vivências dos encontros gravaremos um documentário para distribuição aberta e gratuita.

Indicar quais são as necessidades para o desenvolvimento da proposta:

Técnicas (projektor, mesas, materiais, cadeiras, microfones, som, etc): De acordo com as necessidades e possibilidades da comunidade anfitriã, não existem demandas técnicas *a priori*.

Espacial (dimensões, ar livre ou espaço fechado, iluminação, etc.): Espaço que comporte os participantes com segurança.

Faixa etária a que está destinada a proposta: Livre.

Comunidade específica a que está dirigida a proposta, se for o caso (mulheres, crianças, alguma coletividade em particular, etc): Agentes culturais, ativistas, formadores e interessados no tema e as comunidades anfitriãs, expandindo o debate e a criação de ferramentas para mobilização em defesa dos direitos dos povos afrodescendentes e das mulheres negras.

Número mínimo e máximo de participantes a que está destinada a proposta: de 5 a 100.

A proposta inclui perspectiva de gênero de forma transversal? Indicar de que maneira: Em nossas sociedades, comumente é o homem que detém o poder, não os saberes, mas o poder sobre eles, seja cultural, econômico ou religioso. No candomblé encontramos uma cultura em que a mulher é a guardiã desses poderes. Ao discutir os saberes do candomblé e seus modos de transmissão, trazemos à centralidade a mulher negra, como potência transformadora da realidade patriarcal vívida em nossas sociedades, mas também como concretude histórica realizadora dessa transformação.
